COMENTÁRIO

SOBRE AS VANTAGENS DE SER AGOSTINIANO
uma breve resposta ao ensaio de João Ohara

VALDEI LOPES DE ARAUJO
Universidade Federal de Ouro Preto
Mariana | Minas Gerais | Brasil
valdei354@gmail.com
orcid.org/0000-0001-8946-4714

O ensaio de João Ohara[1] parte de uma preocupação importante: embora a área que ele chama de teoria da história tenha alcançado significativa presença institucional no Brasil — em disciplinas, revistas, eventos, linhas de pesquisa e concursos —, ainda há pouca clareza coletiva sobre aquilo que a define, seus objetos, problemas e critérios de pertencimento. A imagem da "atitude agostiniana" procura justamente nomear essa situação: reconhecemos intuitivamente a área, mas encontramos dificuldades quando somos chamados a dizer precisamente o que ela é.

A iniciativa é muito bem-vinda e chega em um momento oportuno. É fundamental que a comunidade de teoria e história da historiografia, como tem sido referido no Brasil em seus principais espaços institucionais, retorne continuamente às suas definições, a seus pressupostos e às implicações práticas de suas escolhas. Essa discussão importa para a formação dos estudantes, para a organização de programas e concursos, para o escopo de eventos e periódicos e para a própria capacidade do campo de explicitar o que o torna intelectualmente relevante. O mérito do texto está em recolocar esse problema de modo direto e em recusar que a vagueza terminológica seja tratada como algo inteiramente inofensivo.

[1] OHARA, João. Nossa Atitude Agostiniana sobre Teoria da História. *Revista de Teoria da História* 29 (e85992), 2026.

Ainda assim, talvez seja possível matizar o diagnóstico. O ensaio parece aproximar a consolidação de uma área da existência de um núcleo conceitual claramente delimitado, de modo que a multiplicidade de objetos, abordagens e tradições tende a aparecer sobretudo como inchaço ou dispersão. Mas a consolidação de um campo não precisa significar que todos os seus participantes compartilhem uma definição única, rígida e potencialmente empobrecedora. Ela pode consistir, antes, na constituição progressiva de uma comunidade de debate: pesquisadores que leem e contestam uns aos outros, revistas e eventos especializados, disciplinas, linhas de pesquisa, concursos, redes de formação e um repertório de problemas que se reconhecem, ainda que conflituosamente, como pertencentes a um mesmo espaço intelectual.

Sob esse aspecto, a teoria e história da historiografia brasileira parece ter se consolidado de modo efetivo nas últimas décadas. Seus limites podem ser móveis, mas não são arbitrários; foram historicamente produzidos. A dificuldade de fixar uma definição consensual não equivale necessariamente à ausência de unidade. Mesmo sem uma fórmula única, o campo acumulou práticas, interlocuções e problemas relativamente reconhecíveis, bem como espaços institucionais que não possuía com a mesma densidade há trinta anos.

Essa matização talvez exija justamente um elemento que o caráter ensaístico do texto não permitiu desenvolver: uma reconstrução mais profunda da história do campo no Brasil. O objetivo de Ohara é formular um diagnóstico e abrir um problema, não reconstruir exaustivamente essa trajetória. Ainda assim, uma investigação das tentativas anteriores de definição, das controvérsias, dos deslocamentos de interesse, dos diferentes momentos institucionais e da constituição de cursos, periódicos, eventos e redes de pesquisa tornaria o argumento mais complexo e historicamente situado. Tal percurso não resolveria, por si só, os problemas semânticos apontados pelo autor, mas ajudaria a formular uma definição mais concreta e descritiva do que a teoria e história da historiografia tem sido no Brasil nas últimas décadas, e não apenas do que ela deveria ser.

A diversidade de temas — epistemologia, historiografia, narrativa, memória, usos do passado, tempo histórico, ética, política, teoria social, cultura visual e meios digitais — também não precisa ser tomada automaticamente como prova de ausência de coesão. Esses objetos se aproximam porque recolocam, por vias distintas, questões sobre a produção, a validade, as formas, os efeitos e as condições históricas do conhecimento histórico. Isso não significa que todo estudo sobre tais temas pertença necessariamente à teoria e história da historiografia. Significa, porém, que sua articulação foi construída por práticas institucionais e intelectuais concretas, e que essa história de debates também integra a definição possível do campo.

Nesse sentido, a "atitude agostiniana" pode ter um valor menos negativo do que o ensaio sugere. A dificuldade de definir a área não é apenas uma falha semântica; ela pode expressar uma condição reflexiva própria de um campo que toma como objeto os pressupostos, as fronteiras e as transformações da própria disciplina histórica. A indefinição não elimina a necessidade de esclarecimento, mas tampouco autoriza concluir que não há área consolidada. Ao contrário: o debate sobre seus limites só se torna urgente e inteligível porque já existe um campo institucionalizado suficientemente denso para reivindicar definições, disputar pertencimentos e problematizar seus próprios critérios.

Talvez seja mais produtivo, portanto, descrever a situação como um movimento dialético, e não como uma simples contradição entre consolidação e dispersão. A institucionalização cria condições para a multiplicação de agendas; essa multiplicação torna insuficientes as definições anteriores; e a crise de definição, por sua vez, produz novas tentativas de delimitação e autoconsciência coletiva. A heterogeneidade é um risco real quando impede critérios explícitos de inclusão e exclusão, mas também pode ser uma condição de vitalidade do campo. O desafio é produzir definições historicamente informadas, provisórias e discutíveis, capazes de orientar decisões institucionais sem apagar a diversidade que tornou possível a própria consolidação da teoria e história da historiografia.

SOBRE AS VANTAGENS DE SER AGOSTINIANO
uma breve resposta ao ensaio de João Ohara
Comentário recebido em 23/07/26 • Aceito em 24/07/26
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892

Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado